

Cenas cotidianas

*Todo texto teatral, é claro, tem o diretor como coautor a partir do momento em que este monta a peça. No caso deste texto, mais ainda: ele precisa ser atualizado a cada montagem, levando em conta a situação de momento. O importante é preservar o espírito da peça: manter o drama com algumas pitadas de comédia e outras “picantes”, sempre com o objetivo de levar o público à **reflexão**. Esse é o objetivo do texto. E por isso não há preocupação em parecer politicamente correto. Algumas vezes, pode ter um tom piegas, pode às vezes parecer (ou ser) discriminatório, mas o objetivo é justamente suscitar sentimentos e levantar a indignação, criar o choque, para levar à reflexão quanto a temas espinhosos.*

ORDEM DE ENTRADA DAS PERSONAGENS

23 personagens:

1. Pessoa
2. Jovem
3. Executivo
4. Maloqueiro
5. Atleta (e mais dez entradas entre as cenas, não relacionadas aqui)
6. Mendiga
7. Criança
8. Executivo (2)
9. Namorado
10. Namorada
11. Senhora
12. Moça
13. Maloqueiro (2)
14. Guarda
15. Criança (2)
16. Louca
17. Namorada (2)
18. Homem
19. Pastor
20. Moça (2)
21. Jovem (2)
22. Namorada (3)
23. Namorado (2)
24. Criança (3)
25. Mendiga
26. Maloqueiro (3)
27. Político
28. Executivo (3)
29. Quarentão 1
30. Quarentão 2
31. Adolescente 1
32. Adolescente 2
33. Adolescente 3
34. Garota
35. Pessoa (2)

CENA UM

*Dois bancos de praça no fundo do cenário, lado a lado, a certa distância um do outro. Num canto, um grande latão de lixo. Uma **Pessoa** com o ar mais normal possível entra no palco. Senta-se num dos bancos, displicentemente, pega um livro ou revista, abre e começa a ler. Todos os gestos com non chalance, devagar, “como-quem-não-quer-nada”. O ator passará a peça toda no banco de praça, com ar blasé, acompanhando as cenas com maior ou menor interesse (nunca um interesse muito grande, mais uma certa curiosidade), mas jamais se envolvendo. Ante as cenas mais indignantes, no máximo uma expressão contrafeita e um aceno negativo da cabeça. Algum espanto muito moderado, às vezes, diante de uma cena um tanto inusitada. Entre uma cena e outra, há sempre uma **pausa** em que essa pessoa olha para os lados, analisa o palco, faz uma expressão de tédio, ou simplesmente, contrafeita, balança a cabeça, vira uma página do livro e continua lendo. Tudo de modo a criar na platéia uma expectativa de que a qualquer momento ele se manifeste, o que só acontece na cena final.*

*Entra sujeito **Jovem**, ares de desconfiado, olhando discretamente para os lados. Pára, encostado num canto, como quem espera alguém. Consulta o relógio. Entra um rapaz com ar de **Executivo**, terno e gravata, pasta na mão, ar meio nervoso. Pára do lado, passa dinheiro ao jovem, furtivamente, e este lhe entrega um pacotinho.*

Executivo: É a mesma da outra vez? Aquela era boa.

Jovem: Tranquilo, mano. É da boa. Beleza pura. Vai com tudo.

***Executivo** se afasta. **Jovem** conta rápida e discretamente o dinheiro e guarda. Espera um pouco, olha para os lados. Dá uma espiada no relógio novamente. Aproxima-se garoto mal vestido, sujo, estilo **Maloqueiro**, de rua. **Maloqueiro** passa para o jovem uma nota de dinheiro. Jovem entrega a ele um pacotinho. **Maloqueiro** abre rapidamente, conferindo.*

Maloqueiro: Ê, cara, aqui só tem umas pedrinhas, meu! Eu pedi mais!

Jovem: Com essa merreca que tu trouxe? Tá brincando, irmão. É isso, e olhe lá! Se tu quer coisa boa, meu, tem que trazer mais grana. Os cara não tão brincando. Já é difícil eu entregar isso pra você por essa titica. É melhor você ir atrás de grana boa, cara. Te mexe, meu, senão não vai mais ter barato, não.

Maloqueiro: Filhos da puta! Isso aqui não dá pra nada.

Jovem: É a lei, cara. Te liga, que eu vou nessa.

Jovem sai de cena.

Maloqueiro: Lazarento, filho da puta! Vou ter que arrumar mais grana. Isso aqui não dá pra nada...

Maloqueiro sai de cena, pelo outro lado do palco.

CENA DOIS [*Deixar sempre uma breve pausa entre uma cena e outra, durante a qual se observa apenas a Pessoa em cena, conforme descrito acima*]

*Entra **Atleta**, só de sunga (ou inteiramente nu), carregando acima da cabeça um objeto esdrúxulo, de preferência algum “ícone” da sociedade de consumo, numa posição tal como se fosse uma tocha olímpica. Ele cruza o palco de um lado ao outro, falando alto, olhando para frente (o infinito) sem fixar o olhar em pessoa alguma. Esta rubrica vale para todas as entradas do Atleta.*

Atleta: Quanto tempo ainda teremos? Quem sabe quanto tempo vai viver? Desde que nascemos, já começamos nossa corrida infalível em direção à morte!

CENA TRÊS

*Entra **Mendiga** puxando pela mão uma **Criança**. Ambas mal-vestidas, sujas. Ao chegarem no centro do palco, param.*

Mendiga: Então já sabe. Se você não conseguir pelo menos dez, não tem janta hoje. E ainda vai levar cacete. Vai logo. Começa, que eu estou aqui te vigiando. (*Empurrando a **Criança** em direção à platéia*) Vai, vai...

***Mendiga** senta-se num canto do palco. **Criança** desce do palco e passa a pedir esmola para as pessoas nas primeiras filas.*

Criança: Tio, dá um trocadinho pra mim comprar pão, tio. Meus irmãos tão passando fome em casa, meu pai tá desempregado e minha mãe tá doente. (*Vai tentando conseguir a esmola, com diferentes argumentos, conforme a cara da pessoa da plateia. Tenta receber realmente alguma coisa, suplicando de tal modo, e com insistência, que faça o possível para o público dar alguma coisa. Depois de algumas tentativas, afasta-se do palco e da plateia e sai, como se estivesse sempre pedindo.*)

*Entra novamente o **Executivo**. A **Mendiga** pede esmola para ele.*

Executivo: E o que você me dá em troca? Você faz uma flautinha pra mim?

Mendiga: Ô moço, olha o respeito. Eu sou doente. (*Descobre uma perna purulenta e mostra-a para o Executivo.*) Preciso de dinheiro pra comprar os remédios.

Executivo: Que remédio, o quê! Você quer é dinheiro pra cachaça. Tô sentindo o cheiro daqui. Eu sei que a última coisa que você queria no mundo era sarar essa perna. É feia, mas cura fácil. É seu ganha pão na vagabundagem, não é, sua sem-vergonha. Tá cheio de lugar por aí precisando de faxineira, mas com certeza você não quer é trabalhar, não é mesmo? Vagabunda. Eu vou te mostrar como é que cura essa perna.

Executivo pisa com força na perna purulenta. Mendiga grita, urra de dor, enquanto o Executivo foge rápido da cena, rindo satisfeito.

Mendiga (*meio gritando, meio chorando*): Marta, Marta, vem aqui, rápido!

Criança volta correndo para junto da **Mendiga**.

Mendiga: Me ajuda aqui, vamos embora. (*Levanta-se, apoiando-se na Criança*). Hoje não dá mais. Quanto é que você conseguiu?

Criança (*contando o dinheiro enquanto passa para a mãe*): Consegui

Mendiga (*se a quantia obtida for dez reais ou mais*): sorte sua. Vai ter alguma coisa pra comer em casa e você tá livre da sova por hoje. A não ser que seu pai chegue bêbado de novo.

Mendiga (*se a quantia obtida foi menos de dez reais*): Só isso? Esses filhos da puta só te deram isso? Lazarentos! É você que vai pagar o pato. Você anda trabalhando mal, sua desgraçada. É culpa sua. Mas você vai ver o que te espera em casa... Pior ainda se teu pai chegar bêbado de novo. Aí não sou só eu que apanho. E você vai apanhar dobrado. Vamos embora.

Saem de cena, a Mendiga ralhando com a Criança, ouve-se o barulho de um tapa e a criança chora.

CENA QUATRO

Atleta: Lembra-te de que todos os homens estão destinados à morte!

CENA CINCO

Entra casal de namorados, sentam-se no banco vazio.

Namorado: Amor, você sabe que eu te amo! Você não precisa ter medo de nada! É tudo fruto do nosso amor. Eu adoro você! Nós vamos passar toda nossa vida juntos.

Namorada: Eu também te amo. Mas eu tenho medo. Eu nunca fiz isso, eu tenho medo.

Namorado: Mas por quê? É tão natural entre duas pessoas que se amam... E eu amo tanto você! Eu quero ser um só com você...

Namorada: Eu também. Mas eu tenho medo, acho que ainda não é a hora. Eu não estou preparada...

Ficam em silêncio um tempo, olhando para as nuvens, abraçados.

Namorado: Está vendo aquela nuvem lá? Olha que bonita a forma dela...

*Enquanto olham para cima, as mãos do **Namorado** vão “trabalhando”.*

Namorada: Cuidado amor, cuidado. Olhas as pessoas na rua. Como você está assanhado hoje...

***Namorado** abraça a **Namorada**, acaricia-a, com volúpia cada vez maior, beijalhe ombro, pescoço, lábios. Vão se excitando cada vez mais, mas a **Namorada** sempre opondo certa resistência.*

Namorado: Vem cá, vamos ali.

***Namorado** puxa a **Namorada** pela mão e saem de cena, mantendo-se na coxía. As falas partem de lá.*

Namorado: Isso, vem aqui, meu amor... Isso, assim...

Namorada *(opondo uma meia-resistência, entre o desejar e o resistir ao desejo):* Não, não, eu não quero... Não, amor, não... Ai, não faz isso... E a camisinha?

Namorado: Não precisa, não precisa, eu quero é você!

Envolve-se, entre gemidos, sussurros, palavras de amor, gemidos, gritos, gozo... Os ruídos diminuem até desaparecerem por completo.

CENA SEIS

Atleta: Nossa vida é tão breve como a vida de uma chama. Chama que um leve sopro apaga; cinzas que o vento dispersa, eis a existência do homem!

CENA SETE

*Entram no palco **Senhora** idosa, andando devagar, com uma bolsa, e uma **Moça** ao seu lado.*

Senhora (*pára e coloca a mão no braço da Moça*): Eu vou comprar um bom presente pra ela. Ai, que maravilha! A minha netinha já vai fazer cinco anos! Tão engraçadinha que ela está! Dá tanta alegria... Nunca pensei que ia ter uma netinha tão parecida com você. Ela é tão engraçadinha... Me dá saudades do tempo em que você era pequenininha. Desde que seu pai morreu que minha única alegria tem sido a minha netinha. Ai, como vai ser linda a festa de aniversário dela. Eu peguei todas minhas economiazinhas, mas faço questão de comprar coisas bem boas pra festinha dela. Vamos encher de crianças o salão de festas do prédio. Vai ser tão maravilhoso! Ela escolheu na loja uma decoração com o Frajola e o Piu-piu, eu vou...

*Do outro lado do palco, aparece, furtivo, o **Maloqueiro**. Ele corre até a **Senhora** e tenta tirar-lhe a bolsa. A **Senhora** agarra a bolsa com força e tenta resistir. A **Moça**, de tão assustada que fica, é incapaz de esboçar reação. Gesticula, grita por socorro. O **Maloqueiro** saca de um canivete e esfaqueia a **Senhora** várias vezes, até ela cair no chão e soltar a bolsa. **Maloqueiro** sai correndo com a bolsa. **Moça** se debruça, desesperada, sobre o corpo da **Senhora**.*

Moça (*chorando, em desespero*): Mamãe, mamãe. Levanta, mãe. Por favor, não... Mãe, mãe, por que fizeram isso com você, por quê? Socorro, alguém me ajude! Socorro!

Guarda (*se aproxima, examina o corpo da **Senhora** caída*): É, moça, sinto muito, mas não tem mais o que fazer. Vou pôr ela na viatura e levar pro IML. A senhora vem comigo, por favor.

Guarda *pega a senhora no colo e sai do palco, com a moça acompanhando, em prantos.*

CENA OITO

Atleta: Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos Céus! Bem-aventurados os mansos, porque eles possuirão a terra!

CENA NOVE

*Entra a **Criança**, inalando o conteúdo de um saco plástico – ou seja, cheirando cola. Senta-se no chão, encostando-se no banco no qual está sentado a **Pessoa**.*

Criança: Tio, dá um trocadinho para eu comprar pão.

***Pessoa** olha com desprezo, sem dizer nada, e afasta-se discretamente mais para a extremidade oposta do banco. Continua lendo. Entra a **Louca**, atravessa o palco lentamente, falando sozinha e gesticulando, como se conversasse com alguém.*

Louca: Eu falei pra ele, ele vai ver. Se ele se meter de novo comigo, eu vou meter o machado na cabeça dele, meter o machado na cabeça dele, meter o machado na cabeça dele... *(gesticula como se desse machadadas)*. Não, não dá pra aguentar mais, não. O que é que ele tá pensando? Que eu sou idiota? Eu não aguento mais, não. Se eu pegar ele fazendo isso de novo, ele vai se arrepender. *(Pára, olhando na direção da plateia. Olha para o fundo, como se tentasse enxergar alguma coisa ao longe. Espreme os olhos.)*

Criança: Ih, olha aí, meu. A véia pirou...

***Louca** volta-se novamente para a coxia do lado oposto àquele do qual saiu e continua a andar, falando com um companheiro imaginário.*

Louca: Eu acho que hoje não vai dar, não. Eu tenho muita coisa pra fazer. Não, hoje eu não posso ir lá com você, não. Me larga! Eu falei que não posso ir. Eu ainda tenho que pegar aquelas galinhas pra fazer a janta, e dá um trabalhão cozinhar pra tanta gente... E eles não valorizam nada o nosso trabalho. São uns filhos da puta, os desgraçados. Já sei! Eu vou botar veneno na comida deles, vou sim... *(Sai de cena.)*

CENA DEZ

Atleta: Economize as lágrimas de seus filhos, para que eles possam com elas regar o seu túmulo!

CENA ONZE

*Entra **Namorada** nervosa, olhar choroso, olhando para os lados, como quem espera alguém. Tem um bebê nos braços. Pára, olha para o bebê e chora, discretamente. Um **Homem** se aproxima*

Homem: Então, ele está aí? Tudo certo?

Namorada (*chorando*): Está aqui. Você garante que ele vai ficar bem?

Homem: Claro, claro. Vai ser bem melhor pra ele. Vai viver em casa de gente rica, vai ser bem educado, vai ter tudo. Vai se livrar da miséria. Pode ter certeza de que é a melhor coisa que você está fazendo. (*Pega o bebê e passa um envelope para a mulher*) Olha, está aqui. O combinado. Agora, a senhora vai, pode ir, e não olhe para trás. Vai tranquila, que a senhora fez o melhor pra ele. Vai!

Namorada (*chorando*): Mas será que ele?...

Homem: Pode ficar tranquila, dona. Eu estou te falando. Vai ser bom pra ela, e pra senhora também. Ajuda todo mundo. Vai, vai, e não olhe pra trás.

***Namorada** dá um passo atrás, mão estendida em direção à criança, chorosa. Vira-se e vai embora.*

Homem (*anda dois ou três passos, pára, examina o bebê e fala para si mesmo*): É, está meio subnutrido, mas parece ter boa saúde. Acho que vai dar pra transplante.

Põe o bebê dentro de uma sacola, fecha e sai apressado.

Criança (*para a **Pessoa** no banco*): E aí, tio! Dá um dinheiro pr'eu comprar uma colinha, dá.

***Pessoa** permanece imóvel, sem responder. **Criança** se levanta, meio cambaleando, e sai de cena.*

CENA DOZE

Atleta: Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados! Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia!

CENA TREZE

*Entra **Pastor**, roupa “típica” (terninho démodé apertado, mangas menores do que deveriam ser), bíblia debaixo do braço. Sobe no banco vazio e começa a pregar. Uma mistura de maluco e picareta. Sua encenação, embora feita com toda seriedade (ele deve estar sempre compenetrado e parecer acreditar piamente no que diz, sem jamais esboçar um sorriso), deve ser realizada de tal modo que induza a plateia ao riso.*

Pastor: Irmãos, é preciso se preparar, irmãos, pois vem o Dia do Juízo! Você está com problemas? Tem problemas de família? Seu companheiro te trai? Você está com dificuldades financeiras? Tem problemas de saúde em casa? Aqui está a única solução. *[Aponta uma página da Bíblia aberta]* “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai senão por mim.” Está na hora, irmão, de você também encontrar esse caminho. “Pedi, e eu darei; Batei, e eu abrirei todas as portas; Procurai, e eu o ajudarei a encontrar.” Eu sou a voz que prega no deserto. Quem me seguir vai ter a felicidade. Para mim, não existe impossível. Eu transformo água em vinho, chão em céu, pedra em pão, cuspe em mel. Acredite na Bíblia, irmão, e nas palavras do seu pastor, Jerebomias Salon! É a verdadeira palavra do Deus vivo! E eu sou seu verdadeiro representante na Terra. Venha para a Igreja Biangular do Nono Dia da Salvação Eterna. Eu vou levar você à verdadeira felicidade. Junte-se ao pastor Jerobomias Salon para louvar o Senhor e conseguir a salvação eterna!

Pastor pára de pregar por um instante, olha para a plateia, desce do banco e chega até a extremidade do palco, quase em cima da plateia.

Pastor: Irmãos, arrependei-vos do pecado enquanto ainda é tempo. Vinde ao Senhor, que ilumina a vida das pessoas de fé! Nenhum mal pode resistir à força do Filho de Deus... Cantem comigo: *[cantando e batendo palmas]* “O pastor é a salvação, salvação / Ele é o nosso irmão, nosso irmão / Ele é o nosso amigo, nosso amigo / E nos livra do perigo, do perigo!”... Venha, irmão, ser a pedra de escândalo. Venha fazer mila-

gres com o seu guia e pastor Jerobomias Salon! Venha, que para mim nada é impossível! Eu transformo água em vinho, chão em céu, pedra em pão, cuspe em mel. “Eu não sei se é o céu ou o inferno, qual dos dois você vai ter que encarar, e foi para não te deixar no horror que eu vim para te acalmar. Se o pecado vive sempre ao teu lado, e o demônio está sempre a te tentar, chegou a luz no fim do seu túnel. O meu cajado vai te purificar.”

***Moça** retorna ao palco e fica ouvindo, atenta, a pregação do pastor. Desconsolada, parece querer agarrar-se a um fiozinho de esperança qualquer. O pastor percebe e passa a dirigir-se a ela.*

Pastor: Irmã, qual é o seu problema? Qualquer que seja, eu posso resolver. “Para os pobres e desesperados, e para todas as almas sem lar, eu vendo barato minha nova água benta, em três prestações, qualquer um pode pagar. O sucesso da minha existência está ligado ao exercício da fé, pois se ela remove montanhas também traz” muitos benefícios. Diga, irmã, que o pastor Jerobomias Salon pode te ajudar. Conte pra mim os seus problemas.

***Moça** apenas chora, cabisbaixa, não consegue dizer nada.*

Pastor: Eu sei, irmã, o que está acontecendo com você! É o nosso inimigo que atormenta sua alma. É preciso enxotar o cão-diabo-demônio-belzebu-satanás-capeta da sua vida. Crê no pastor Jerobomias Salon e tudo será resolvido, porque para mim nada é impossível. Eu transformo água em vinho, chão em céu, pedra em pão, cuspe em mel.

***Pastor** vai ficando histérico.*

Pastor: Aproxime-se! Chegue mais perto, irmã! Vamos orar para que o inimigo do homem se afaste de você. Chegue aqui!

*Discretamente, entra o **Jovem** no palco e fica acompanhando à distância. Tem alguma coisa escondida na mão.*

***Moça** se aproxima timidamente do pastor.*

Pastor *impõe-lhe as mãos na cabeça e começa a berrar, histérico:* O pastor Jerobomias Salon tem poder! Só ele é o legítimo representante do Todo-poderoso na Terra! Afasta-te, filho das trevas! Sai dessa criatura que está sob a proteção de Jerobomias Salon! Porque eu transformo água em vinho, chão em céu, pedra em pão, cuspe em

mel! Cai fora desta alma que ela agora é minha. Ela é propriedade do Cristo vivo! Ela agora é da Igreja Biangular do Nono Dia da Salvação Eterna! Abracadabra, pé de cabra, nove fora doze, cai fora feioso!

Pastor *roda em torno da Moça, como numa cerimônia de camdomblé: Ziriguidum, chirigundum, abaeté, cafuné, louro dá o pé! Bambalalão, senhor capitão, não fique mais aqui não!*

Pastor *berra, histérico, como que em transe, sacudindo a cabeça da moça, que também parece estar entrando em transe.*

Moça *começa a gritar junto: Senhor! Senhor! Me salve! Me salve!*

O clima de histeria vai aumentando até chegar ao clímax, quando o Pastor sacode fortemente a cabeça da Moça e ela cai sentada.

Pastor: Pronto, irmã! Você está livre daquele que te atormentava. Agora precisa entregar-se à direção do pastor Jerobomias Salon, único legítimo representante do Todo-poderoso na Terra! Faça um sacrifício para que o Todo-poderoso e seu legítimo e único representante estejam sempre ao seu lado. Faça um sacrifício, irmã, uma oferenda generosa!

Moça, *soluçando, abre a bolsa e entrega todo o dinheiro ao pastor, que o coloca no bolso.*

Pastor: Muito bem, irmã, estamos contentes com a tua oferta. O Todo-poderoso e seu legítimo representante na Terra, o pastor Jerobomias Salon, estão satisfeitos, por ora. Agora você precisa se aproximar dele. Você tem que ir à nossa igreja, a Igreja Biangular do Nono Dia da Salvação Eterna, para conhecer o verdadeiro caminho da salvação. Vamos para o meu aparta... para a nossa igreja! Todos os seus problemas serão resolvidos. Viva o Todo-poderoso e seu legítimo representante na Terra, o pastor Jerobomias Salon!

Jovem *se aproxima do pastor, quebra em sua cabeça um ovo que trazia na mão e sai correndo.*

Pastor: Viram, irmãos, como o cão-diabo-demônio-belzebu-satanás-capeta e seus sequazes não gostam e perseguem o legítimo representante do Todo-poderoso na Terra? Aquele pobre coitado é escravo do cão-diabo-demônio-belzebu-satanás-

capeta. Mas um dia ainda vamos arrancar o dito cujo de sua alma (*faz um gesto como quem diz “Ainda te pego!”*).

Pastor sai de cena, seguido pela **Moça**, que grita: Aleluia! Viva o poder do pastor Jerobomias Salon!

CENA QUATORZE

Atleta: Vós sois o sal da terra! Se o sal perder a sua força, com que se há de salgar? Para nenhuma coisa mais serve, senão para ser pisado pelos homens!

CENA QUINZE

Namorada entra no palco, chorando baixinho, com um embrulho na mão. Chega perto do latão de lixo, joga o embrulho, falando para si mesma: Desgraçado! Desgraçado! Você me traiu. Me abandonou nessa hora desgraçada. Miserável, eu ainda te mato, seu desgraçado...

*Apóia-se no latão de lixo, chora um pouquinho, recompõe-se, sai. Pouco depois, entra **Namorado**, vestido com uniforme de atendente de lanchonete, carregando um balde. Joga o conteúdo – restos de comida – no latão de lixo.*

Namorado (olhando o fundo do latão): Que desperdício! Quanta comida jogada fora...

*Sai de cena. Do outro lado, entram **Criança** e **Mendiga**. Em seguida, aproxima-se o **Maloqueiro**).*

Mendiga (apontando o latão de lixo): Vamos ver ali. Os caras daquela lanchonete jogam lá os restos de comida. Sempre tem coisa boa!

*Debruçam-se sobre o latão e começam a revirar o lixo. **Maloqueiro** acha o resto de algo comestível, afasta-se um pouco do latão e começa a comer.*

Mendiga: Ô, não falei? Este troço tá bom! Pega um pedaço.

Criança (debruçada sobre o latão): Ei, tem um negócio esquisito aqui. Vem ver. Olha lá, parece uma criancinha!

Mendiga (debruçando-se sobre o latão, sem largar o que está comendo): É mesmo! Será que tá viva?

Maloqueiro, *que se aproximou para ver*. Não, tá morta, toda ensanguentada! Deve ser aborto!

Mendiga: Ih, vamos sair daqui, senão ainda sobrar pra gente. Vamos cai fora, rápido!

Saem de cena, apressados, a Mendiga ainda morde mais um pedaço do seu quitute.

CENA DEZESSEIS

Atleta: Toda planta que meu Pai não plantou será arrancada pela raiz! Cegos são os condutores de cegos, e se um cego guia outro cego, ambos caem no abismo!

CENA DEZESSETE

Entram duas pessoas de terno e gravata: Executivo e Político, conversando. Sentam-se no banco vazio. Falam em segredo.

Executivo: Cara, então você conseguiu mesmo! E aí, foi muito difícil, ou moleza?

Político: Ah, lá no Congresso a coisa é muito fácil. Tem muitos deputados no esquema. Lá, eu me sinto em casa.

Executivo: E o negócio na fronteira deu certo, então?

Político: Deu. É só a gente usar o poder de deputado que todo mundo colabora. Político ainda é respeitado neste país! Os caras estão colaborando, porque sabem que têm as costas quentes. O esquema é muito bem montado. Não tem como dar errado.

Executivo: E entra muita coisa?

Político: Você tá brincando? É coisa de gente grande, cara. Nada dessas merquinhas com que a gente fica brincando aqui. É coisa da pesada! Dá pra você se levantar rapidinho, numa boa!

Executivo: E o risco?

Político: Risco? Ah, que é isso, cara. É tudo tranquilo. Lá, uma mão lava a outra. Todo mundo tem cobertura.

Executivo: Mas e essas CPIs que andam estourando toda hora? Não acaba sobrando para alguém?

Político: Não, cara! O que que é isso! Você já viu alguma CPI dar em alguma coisa? Você acha que vão querer queimar os rabos de palha de alguém? Quem acender o fogo se queima junto. Quando pegam alguém para bode expiatório é porque já tá fora do esquema. De vez em quando tem que sacrificar um que esteja mijando fora do pinico. Ajuda a desviar a atenção. É tudo muito bem feito, não tem como furar o esquema! E então, tá a fim de entrar na coisa ou vai ficar aqui brincando de ganhar a vida? Vai ficar se lambuzando na merda ou vai partir pra coisa de adulto?

Executivo: Pô, cara, se é como você tá falando, como é que eu vou recusar? É só você dizer o que eu tenho que fazer que logo que puder eu embarco pra capital federal...

Político: Ótimo! Eu sabia que ia poder contar com você. Eu te dou uma vaga de assessor e você começa a viajar atrás dos negócios. Eu preciso de alguém de confiança. Pasas amanhã cedo lá no meu escritório pra gente combinar tudo direitinho.

Levantam-se e saem.

CENA DEZOITO

Atleta: E um irmão entregará à morte a outro irmão, e o pai ao filho! E os filhos se levantarão contra os pais e lhes darão a morte!

CENA DEZENOVE

Entram dois homens aparentando 40 anos. Conversam e riem – os risos já são ouvidos da coxia. Eles vêm rindo, gargalhando, a cada piada.

Quarentão 1: E aí, então, eu perguntei: “E você? Você é casado ou feliz?”

Quarentão 2: Mas eu gostei quando ele disse: “O casamento é como uma cidade sitiada: quem está dentro quer sair, quem está fora quer entrar.”

Quarentão 1: E você conhece a definição matemática do casamento? “Soma de afeto, subtração de liberdade, multiplicação de responsabilidades e divisão de bens.”

Quarentão 2: É... E a definição jurídica? “O casamento é a única pena de prisão perpétua que pode ser revogada por mau comportamento.”

Quarentão 1: Essa é boa, essa é boa. E tem aquela outra, a definição religiosa: “Casamento é uma cerimônia pela qual a igreja consegue um cristo a mais... em troca de uma virgem a menos.”

Quarentão 2: Falando sério, você sabe qual é a maior causa de divórcio?

Quarentão 1: Não, qual?

Quarentão 2: O casamento!

Quarentão 1 (irônico): Não, não, mas fora de brincadeira, na realidade, a pessoa só entende o que é a felicidade depois que casa.

Quarentão 2: É verdade... Mas aí já é tarde demais... *(Gargalhadas)*

Quarentão 1: Pois é cara, o jeito é ir dando umas puladinhas de cerca, né? Afinal, burro amarrado também pasta!

Quarentão 2 (olhando para uma real ou fictícia mulher “gostosa” na platéia): Humm! Olha só que coisinha gostosa! Só de ver já tô ficando excitado!

Quarentão 1: É isso aí! Não é porque a gente tá de regime que não pode olhar o cardápio, né?

Saem de cena rindo.

CENA VINTE

Atleta: Em vão se agitará ao redor da fatalidade inevitável da morte tudo o que é mesquinho e efêmero no homem!

CENA VINTE E UM

Três adolescentes “dark” entram em cena. Um deles tem uma garrafa de bebida na mão. Sentam-se no palco, as pernas em direção à platéia. Passam a garrafa de mão em mão e de boca em boca, enquanto conversam. Já estão levemente alcoolizados. Riem muito no meio da conversa.

Adolescente 1: Cara, essa foi demais. Você tem cada idéia genial, hem! Vocês viram a cara do babaquinha na hora em que ele foi abrir o carro? *(gargalhada)*

Adolescente 2 (imitando): “Vou abrir a porta do meu carrão importado para você.” *(Ri)* O cara vai abrir a porta e mete a mão na merda! *(Gargalhada)* Vocês lembram a cara dele? O babaca balançando a mãozinha para tirar a merda! *(imita o gesto, rindo)*

muito). Depois, pega o lencinho, branquinho, e tenta limpar a merda da mão e da maçaneta do carro... Cara, essa foi demais. Só de lembrar me dá um ataque! O cara já devia estar querendo levar a baranga pro motel e acabou tudo na merda! (*gargalhada*).

Adolescente 3: É por isso que eu sou o cérebro da gangue, cara. Eu tenho as melhores ideias...

Adolescente 1: Ô, cérebro de minhoca, me conta uma coisa: quando é que você começou a torrar o seu cérebro com álcool? Com quantos anos você tomou o seu primeiro porre?

Adolescente 3: Ih, cara, acho que foi com uns nove ou dez anos. Foi na casa do namorado do meu pai. Eu estava passando o fim de semana na casa dele, e o viadinho tinha um barzinho no apê cheio de garrafas que eu nunca tinha visto na vida. Só sei que de noite eu acordei, escutei o viadinho gemendo: “Ai, ai, ai” (*imita*). Tava quase gozando, e meu pai metendo! Aí eu fiquei meio desnorreado, né, foi a primeira vez que eu percebi o negócio. Então, eu fui pra sala, escolhi a garrafa mais bonita que tinha e sequei. Do resto eu não me lembro. Só sei que acordei na cama no dia seguinte, com uma baita dor de cabeça! Quando o velho veio querer me passar um sabão, eu só perguntei: “Tava gostoso ontem de noite, pai? Com a mãe não era tão bom, né?” O cara não respondeu nada e nem teve coragem de falar comigo...

Adolescente 2: Grande vantagem... Eu comecei antes. Desde os cinco anos que eu sou taradona! (*os outros se espantam, rindo*) É verdade, cara. Meu padrasto me pegou pela primeira vez quando eu tinha cinco anos. No começo, eu achava meio estranho, mas depois comecei a gostar. Até hoje ainda tenho tesão pelo cara. De vez em quando, vou visitar ele, mas nunca me deixam ficar sozinho com o cara.

Adolescente 1: É claro, né, sua tarada? E o que que vocês faziam?

Adolescente 2: De tudo, cara. Conforme eu fui crescendo, o repertório foi aumentando. Por que você acha que eu sou tão gostosa? Sei fazer de tudo! Aprendi cedo!

Adolescente 3: Então dá uma chupadinha aqui! (*aproxima-se, segurando as partes íntimas.*)

Adolescente 2 (*empurrando o outro*): Cai fora, babaca!

Adolescente 1: Mas vocês acham que estão contando grandes vantagens, é?! Pois eu tive meu primeiro barato na barriga da minha mãe. Ela fumava, cheirava, fazia de tudo. Eu já nasci doidão!

Adolescente 3: Chega de papo, galera. Ainda não demos nenhuma porrada hoje. Quem é que vamos pegar?

Adolescente 2: Um viadinho! Vamos dar porrada numa bicha louca, hoje. Já sei! Vamos pegar o namoradinho do meu pai! Vamos esperar ele na esquina da casa dele.

Vão se levantando. Os outros concordam, animados.

Adolescente 3: A garrafa já tá quase vazia, mesmo. Quando estiver seca, a gente quebra na cabeça do viadinho e enche ele de porrada!

Saem de cena.

CENA VINTE E DOIS

Atleta: A morte é a expressão final da insensibilidade; a múmia, a expressão tranquila e definitiva da morte!

CENA VINTE E TRÊS

*Entra **Garota**, andando com ar cansado, magra e com olheiras. Suspira, tomando fôlego, senta-se no banco. Abre a bolsa, da qual tira um espelho e um batom, tenta se ajeitar um pouco. Toca seu telefone celular, na bolsa. Ela atende.*

Garota: Oi, mãe! Como vai a senhora! Eu estava com saudades! *(Pausa)*

Garota: *(Triste, desconsolada, desanimada)* Ai, mãe, por favor, não precisa recomeçar a ladainha. Eu já sei tudo isso que você vai dizer, mãe. Eu sei tudo, melhor do que ninguém. Afinal, sou eu quem está pagando na carne as consequências disso... *(Pausa)*

Garota: Ah, mãe, se você me visse! Eu já emagreci uns doze quilos... *(Com voz chorosa)* Lembra, mãe, quando eu era meio gordinha e não queria fazer regime? É, que ironia... Agora, estou um palitinho perto do que eu era. *(Chora um pouco, enquanto a mãe fala. Se recompõe)* É, o médico disse que é assim mesmo, que nessa fase é assim. O fim está chegando, mãe. Eu pelo menos ainda consigo andar. Mas a pele já está começando a ficar toda manchada, eu sinto ânsias, vomito bastante... *(Pausa)*

Garota: Sim, eu estou tomando o coquetel, mas a essa altura já não faz mais muito efeito. Ah, mãe, o que eu mais precisava agora era estar junto de vocês... *(Chorosa)* Mas eu entendo, mãe, eu entendo. Eu sei que o Papai não deixa você vir. É, ele acha uma vergonha pra família isso ter acontecido com a filha dele, eu sei bem. Ele ainda acha que é uma doença de malditos. Coitado, mãe. Agora eu vejo como tudo isso não vale nada, nada. *(Pausa)*

Garota: Ah, todos aqueles sonhos! Tanta coisa pela frente! E tudo acabar assim! Mas eu agora sei mãe, que, no fundo, somos todos portadores desse vírus. Todos vão acabar como eu, não importa o nome do vírus que cada um vai pegar. No fundo, todos nós carregamos o mesmo vírus, que é o vírus da morte... E nessa hora, mãe, de que adianta tudo? De que adianta a pessoa ser bonita, inteligente, rica, ter status? De que adianta tudo, mãe? Ah, mãe, se as pessoas vissem as coisas como eu estou vendo agora! Se quando eu tinha saúde eu pudesse entender as coisas como eu entendo agora! Tudo seria tão diferente! Eu teria vivido de um jeito tão diferente! Mas agora é tarde... Ou talvez não seja... Acho que ainda posso me preparar pra hora que se aproxima... *(Pausa)*

Garota: O papai está chegando? Sei, ele não gosta nem que você telefone pra mim... Mas, mãe, por favor... Diga pra ele que, de qualquer maneira, eu amo ele, muito! E também te amo, mãe! Tchau, mãe, tchau...

*A mãe desliga o telefone. A **Garota** deixa a mão com o celular baixar lentamente. Põe o celular dentro da bolsa, fecha a bolsa. Enxuga as lágrimas, se recompõe, levanta-se com certa dificuldade. Ao passar diante da **Pessoa**, dá um sorrisinho amarelo e diz:*

Garota: Desculpe... *(Sai de cena.)*

CENA VINTE E QUATRO

Atleta: Não julgueis, para não serdes julgados, pois com o juízo com que julgardes sereis julgados, com a medida com que medirdes, também sereis medidos!

CENA VINTE E CINCO (FINAL)

Pessoa que estava sentada no banco fecha o livro/revista, levanta-se, tudo calma e displicentemente, caminha devagar em direção à plateia, pára no limite do palco, olha a plateia.

Pessoa: É tudo tão terrível, não? Ou será tudo tão... comum? Tão comum que essas cenas já podem ser chamadas de chavões? Isso é o pior. Apesar de ser tudo tão terrível, é tão comum que não vemos nada de novo. Podemos até achar sem graça, repetitivo, estereotipado. É por isso que eu estou aqui. Vocês deviam estar se perguntando o que eu estou fazendo aqui. Pois eu estou representando vocês. Eu faço aqui exatamente o que todos vocês fazem diante dessas cenas cotidianas, comuns e banais que acabamos de ver: assim como vocês, eu não faço nada, absolutamente nada!

A luz se apaga. Cai o pano.